



0
**AMOR
EM BRANCO
E PRETO**

Sérgio Tibiriçá

Copyright Sérgio Luiz ibiriçá Argôlo

Impresso no Brasil - Printed in Brazil

Todos os direitos reservados ao autor

Contato com o autor

sergiotibirica@gmail.com

sergioargolo@hotmail.com

Capa

Sérgio Tibiriçá

Fotos

Internet

Revisão

Sérgio Tibiriçá

Editoração

Sérgio Tibiriçá

www.sergiotibirica.com.br

sergiotibirica@gmail.com

Produção Editorial

JM Gráfica e Editora

Tibiriçá, Sérgio

O Amor em Branco e Preto/Salvador, 2016

AGRADECIMENTOS

A MEUS PAIS, POSTUMAMENTE

A TODOS OS MEUS AMIGOS

A MEUS IRMÃOS E FAMÍLIA

E ÀS PESSOAS QUE SÃO

ESPECAIS PARA MIM.

SUMÁRIO

• <i>As Cartas</i>	08
• <i>Local e Época</i>	12
• <i>Aninha</i>	16
• <i>O Encontro</i>	22
• <i>O Primeiro Beijo</i>	43
• <i>Um Encontro Inesperado</i>	54
• <i>Fugindo da Rotina</i>	68
• <i>Na Fila do Ferry Boat</i>	79
• <i>Aratuba</i>	87
• <i>Confissões de Aninha</i>	102
• <i>De Férias em Santo Amaro</i>	127
• <i>De Volta a Salvador</i>	163
• <i>O Adeus em Salvador</i>	172

 **AMOR**
EM BRANCO E PRETO



• PREFÁCIO DO AUTOR

O Amor em Branco e Preto é uma mistura de ficção e realidade, uma sobreposição de fatos marcantes vividos na cidade do Salvador em meados da década de 80. A ideia nasceu basicamente da saudade desta época e de tudo que nela acontecia. Portanto, trata-se de uma história saudosista e nostálgica, emoldurada pela beleza da histórica cidade do Salvador, com todo seu esplendor, mistérios e magias. É também um relato sobre minha juventude, meus amigos, meus anseios, meus receios e meus amores. Dentro desse ambiente saudoso e pitoresco, é que coloco essa intensa história de amor com um triste desfecho, tendo sido, paradoxalmente, alvo de discriminação nesta cidade habitada por um povo místico e miscigenado.

Nesta lírica e singular história, pode-se dizer que metade é real e metade é ficção. Quase toda a parte concernente à discriminação é real, pois aconteceu também em outras circunstâncias, além das situações citadas neste compêndio. As cartas também existiram, contudo, não foram enviadas por uma única pessoa, mas serviram como uma espécie de roteiro, de âncora, para a construção da história. Os locais onde se passam os fatos, especificamente as cidades de Salvador e Santo Amaro, serviram como suntuosos cenários, como maravilhosos panos de fundo para o discorrer dos fatos.

Os personagens são todos fictícios. Seus nomes, profissões, características, naturalidades, personalidades, enfim, são puramente conjecturas. Inclusive a protagonista, mesmo podendo-se notar uma mistura de ficção e um genuíno desejo de que ela fosse uma personagem real. Todos os diálogos são meramente utópicos, foram todos laboriosamente fantasiados, numa extenuante busca e esperançosa tentativa de me aproximar ao máximo das lembranças da época.

Nessa incansável busca em me transportar mentalmente para o passado, com o objetivo de resgatar informações e com elas ousar criar situações fictícias, fundidas com situações reais, procuro ter o imenso cuidado para que realidade e ficção não se choquem, evitando conflitos, tornando, assim, confusa a narração. Busco também com veemência a idéia de que esta história passe a existir nas mentes dos leitores, como se fosse um fato real!

Podemos concluir, então, que *O Amor em Branco e Preto* é um nostálgico relato que nasceu da vontade do autor em ser, não apenas uma modesta história romântica, assim como uma denúncia contra, não só os atos, mas também as vontades, os ímpetos e principalmente os pensamentos discriminatórios que acontecem em Salvador, antagonicamente uma cidade que possui uma população formada por 80% de negros e mestiços. É também uma simplória homenagem ao amor, ao verdadeiro e tão saudoso amor, que infelizmente vem perdendo sua força ao longo dos tempos.



• AS CARTAS

Onde as antigas e saudosas cartas, depois de trinta anos, se cansam das gavetas e se fazem presente...

Essas cartas me foram escritas ainda na década de 80, mais precisamente no ano de 1986. Eu tive o imenso prazer de recebê-las, e respondê-las com igual dedicação, carinho e sentimento. Na época, elas nada mais eram do que simples cartas de amor melosas, românticas e chorosas. Hoje, depois que o tempo passou e, sabiamente, fez-me enxergar nelas o que eu não conseguia ver, elas passaram a se chamar saudade!

Infelizmente, não se cultiva mais o hábito de se escrever essas tão saudosas cartas de amor. Vivemos numa época informatizada, onde o hábito de escrever usando papel e caneta é cada vez mais raro! Pesquisas indicam que a escrita cursiva está ameaçada de extinção, sufocada que está pelo intenso uso dos poderosos computadores. As mensagens de amor de hoje são frias mensagens eletrônicas, não são escritas à mão, são digitadas, e enviadas através de celulares, tablets, note-books e pc's, fazendo uso das famosas e super frequentadas Redes Sociais, ou de salas de bate-papo, que objetivam o encontro entre pessoas, utilizando-se de mágicos efeitos virtuais, poderosas ferramentas e incríveis recursos visuais. Infelizmente, apenas uma pequena quantidade de pessoas ainda se atreve a escrever

pelo “método tradicional”. Mas a grande verdade é que não se possui mais o antigo costume de ter um maço de papéis de cartas guardado na gaveta do seu criado mudo, e, o que é mais importante, se valer do dom, da habilidade e sensibilidade de empunhar uma caneta ou lápis, para redigir cartas de amor e enviá-las à pessoa amada!

Mas, voltando às cartas dos anos 80, posso dizer que elas sempre me causaram um grande efeito nostálgico, o que é uma das funções delas. Sempre que eu as encontrava, quando remexia as gavetas e as pegava para reler, me recordava com imensa saudade daquela época. Já estavam na minha gaveta há décadas e nunca tive coragem suficiente para me desfazer delas, o que seria um procedimento considerado normal, pois é de praxe se fazer uma “limpeza nas gavetas” sempre que nelas encontramos coisas antigas, tais como fotos, cartões postais, pequenas lembranças e, principalmente cartas. Dessas ditas cujas, eu nunca quis me desfazer. Ou, simplesmente não pude...

Eu sempre as guardei com muito cuidado, como se fosse um livro raro e importante, um quadro famoso e caro, um objeto valioso ou alguma joia de família. E talvez elas fossem mesmo. Ninguém jamais pôs as mãos em uma sequer, ninguém jamais leu uma única linha. Nenhum membro da minha família e nem tampouco o meu melhor amigo chegou a ler ou manusear alguma delas. Elas eram meu tesouro escondido e eram guardadas a sete chaves. Eram a certeza de um tempo em que fui muito feliz.

Era um número considerável delas. Nunca contei, não sei realmente dizer quantas eram, mas eram muitas. Para mim, não interessava a quantidade e sim a qualidade delas, o teor dos seus conteúdos, e a importância de todas elas. Ao ver todas

essas cartas na sua totalidade e qualidade, qualquer homem apaixonado, tenho certeza, morreria de inveja de mim. Há cerca de dois anos, quando da minha mudança de volta para o apartamento onde moro atualmente, arrumando as gavetas, eu as reencontrei. Ponderei sobre todo o acontecido, senti muita saudade de um tempo que já se foi, senti minh'alma se esvaír em lágrimas e, com coragem e sofreguidão, me desfiz delas. Achei que já era tempo de exorcizar esta lembrança de dentro mim. E assim, continuei a arrumar as gavetas sabendo que estava também rearrumando minha vida sentimental.

Por conseguinte, toquei a vida adiante. Recentemente, há alguns poucos meses, procurando alguns documentos nas minhas gavetas, topei com um envelope cor de rosa. Pois é, todas elas eram cor de rosa, a autora ainda teve o cuidado na escolha da cor dos seus envelopes! Senti então um sobressalto, pois já sabia do que se tratava. Quando peguei o envelope e abrí, comecei a relê-la e reconheci que era uma das mais importantes.

Nesta carta, que possuía um conteúdo forte e significativo, ela, a autora, desabafa de maneira forte e inquietante, ao ponto de me deixar preocupado. E eu que pensava ter deixado para trás o passado, agora ele se fazia presente, de uma forma mágica, como se não mais quisesse ser passado, como se não mais quisesse ser esquecido, como se agora quisesse ser presente. Como pude esquecer daquela carta, de conteúdo até certo ponto comprometedor? Poderia jurar que tinha me desfeito de todas elas, sem excessão. Ela parecia ter se desgarrado das outras. Mas logo a mais significativa, a mais crucial de todas, a que mais me tocava? Era a carta chave de todo o maço, era o “coringa do baralho”. Surtei, e o pior, todas as lembranças retornaram à medida que eu relia a carta fujona.